

# O COMERCIO DE GUIMARÃES

Fundado por  
António Joaquim de Azevedo Machado

SEMANARIO REGIONALISTA  
(VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA)

O Jornal mais antigo do Distrito. Redacção, Adm.,  
comp. e imp. R. D. João I.º, 59-61. Telef.—4508

Proprietária—Narciza de J. F. Machado  
Publicação—às Sextas-feiras

DIRECTOR E EDITOR  
EDUARDO DE AZEVEDO MACHADO

REDACTORA E ADMINISTRADORA  
M. Matilde Cândida de Freitas Machado

## O NOSSO CORPORATIVISMO

Um dos problemas que se põem à nova Assembleia Nacional, consoante o notabilíssimo discurso de Salazar, discurso feito perante os Governadores Cívicos e outras entidades, a 20 do mês findo, toca ao nosso corporativismo, à nossa organização corporativa. Disse Salazar, a propósito, nesse discurso digno de meditação:—*A nossa Constituição admitiu para o Estado a base corporativa, e este corporativismo era e deve ser, no conceito das pessoas responsáveis, um corporativismo de associação e não corporativismo de Estado; mas é evidente que não podia de um momento para o outro criar-se um Estado corporativo sobre a Nação inorgânica. E mais adiante:—A falta maior, embora justificada, está numa espécie de paragem que a organização sofreu durante anos e nos desvios tanto de pensamento como de acção que teve sob a imposição de circunstâncias conhecidas.*

Ainda nos devemos lembrar que, havendo em outras partes da Europa também corporativismo, com o qual os inimigos do nosso o confundiam—ao tempo em que o nosso corporativismo se instituiu—na propaganda do nosso sistema se acentuava o seu carácter de corporativismo de associação, carácter que o distinguia necessariamente dos sistemas que havia então na Europa, e que eram corporativismos do Estado. A diferença vem dum ponto de doutrina importantíssimo, qual é este:—nos corporativismos de Estado, não conta para nada o indivíduo com a sua legítima liberdade, porque não conta para nada a dignidade de pessoa humana, que há em cada um dos indivíduos e neles se tem de respeitar. Equivale isto ainda a outro ponto de doutrina política:—o Estado que acima de si não reconhece nada, como superior a ele, e que por isso se tem como gerador de todo o Direito e da Moral, não dá valor algum à pessoa humana, e tem o indivíduo como seu elemento ou parte integrante, mas não livre, pois seria considerar no indivíduo aquela dignidade—a dignidade de pessoa humana que, nem ela, nem a liberdade, que é seu privilégio, são criações do Estado, mas anteriores a ele, e obra de Deus, nosso Criador. Tal Estado se chama pagão, e absorve em si toda a iniciativa individual. O indivíduo é uma peça da máquina do Estado, e assim como não tem liberdade de agir, seja no que for, senão dirigido, e absorvido, pelo Estado, assim também não tem liberdade de consciência—liberdade religiosa. Neste particular, há-de adorar o Deus que o Estado lhe impuser; há-de adorar a ele, que se arroga a divindade. Tudo isto o ficámos sabendo concretamente com os corporativismos que houve na Europa, tão longe, tão diferentes do

nosso, como do nosso Estado instaurado pela Revolução Nacional eram diferentes, na doutrina e na acção, os Estados onde tais corporativismos existiam.

Ente nós, o Estado Corporativo—o nosso Estado Corporativo, acentuámo-lo—é um Estado de fundamentos cristãos. A sua Constituição é explícita, pois, num dos seus artigos, expressamente diz que o Estado reconhece acima de si o Direito e a Moral; e, pelo teor dela, no que toca às liberdades do indivíduo, que são privilégios da pessoa humana, e no que respeita à família, se conclui lógicamente e sem esforço o que dissémos:—o Estado Corporativo português é um Estado de fundamentos cristãos. Além disso, temos os factos, a vigência do Estado Corporativo com o respeito à Igreja, e às nossas tradições históricas, e à liberdade religiosa. Tendo por base o corporativismo, como o determina a sua Constituição, não podia deixar de ser o corporativismo de associação o sistema seguido entre nós—e assim era, e deve ser, como diz Salazar, no conceito das pessoas responsáveis. Bastava o Estado reconhecer acima de si o Direito e a Moral, para se entender como implícito nesse reconhecimento que o Estado reconhecia acima de si o Autor do Direito e da Moral, ou seja Deus—e assim reconhecer a dignidade da pessoa humana, com o privilégio da sua liberdade, que nada disto é criação do Estado ou dos homens. Cremos que hoje, com a vigência do Estado Corporativo português, a sua obra de pacificação social, a renovação das melhores tradições nacionais, o progresso material, os benefícios das classes trabalhadoras—tudo isto dá plena razão a estas palavras de Salazar:—o Estado Corporativo português é uma pessoa de bem.

Mas não podia de um momento para o outro criar-se um Estado Corporativo sobre a Nação inorgânica, tal qual disse Salazar, e com razão sobejá, se tudo estava por fazer, se a Nação ainda não tinha a vida ordenada, nem formava a unidade consciente que é hoje. Depois, vieram as más circunstâncias, derivadas do estado de guerra—as más circunstâncias económicas, sobretudo, que vieram, ainda a organização estava no começo. Houve de intervir o Estado na vida económica, e de criar os organismos de coordenação e outros—o que era dirigismo um pouco além da doutrina corporativa, porém exigido pela defesa da nossa economia—e do consumidor. O que lhe devemos está em que nunca nos faltou o pão de cada dia.

A pior consequência—diz Salazar—da intervenção dos orga-

(Conclue na página seguinte)

## 1.º de Dezembro

Na manhã do dia 1 de Dezembro de 1640 o povo de Lisboa pôde, depois dum longa trégua de 60 anos, aclamar de novo um rei português.

Liberdade! Liberdade!  
Viva El-Rei D. João IV!  
O Duque de Bragança é o nosso legítimo Rei! O Céu restitue-lhe a coroa para que o reino ressuscite! A promessa de Cristo a D. Afonso Henriques será cumprida! Estas foram as palavras patéticas do velho D. Miguel de Almeida, chorando de comoção, na hora sagrada, em que a alma portuguesa se erguia, espontaneamente, reafirmando a sua indomável vontade de ser independente, livre do pesado e afrontoso domínio que lhe pesara durante uma longa noite, quase desde a tarde fatal de Alcácer Quibir.

D. João IV soube demonstrar que era «pelo seu carácter reflectido e prudente, o príncipe mais apto para reger os destinos públicos em tão aventurada crise».

Como disse alguém acertadamente: «Estimava as provas de afecto e as manifestações de regozijo, mas só como homem prático, não se ensoberbecendo com elas, e cuidando sempre em dispôr os preparativos da defesa, porque não ignorava que os Estados se fazem temer pelas armas e que o alvoroço e os clamores se dissipam como fumo, desde que as forças organizadas os não apoiem.»

## S. FRANCISCO XAVIER

—A 2 de Dezembro de 1552 fechou os olhos, na derradeira visão do Mundo terreno em que tanto sofrera, na aventura maravilhosa do mais belo e puro das ideias, o grand' apóstolo das Índias—S. Francisco Xavier.

Desde 1541 que o cândido padre jesuíta se entregara, nas longes terras do Oriente, à pregação evangélica do verbo de Cristo, levando ao gentio e, dum modo geral, aos povos fiéis a Mafoma, a nova mensagem espiritual que, pelo exemplo próprio, eloquentemente soube incutir e propagar.

S. Francisco Xavier, ajudou prodigiosamente a levantar e a consolidar a obra civilizada de Portugal, na hora em que

## Nossa Senhora de Fátima na Índia

Partiu há dias de avião do Aeroporto de Lisboa, em direcção à Índia, uma imagem de Nossa Senhora de Fátima.

No seu percurso, a sagrada imagem da Virgem ficará cinco dias em Carachi. Na Índia, a imagem da Senhora de Fátima, é aguardada com o maior entusiasmo e fervor religioso, tendo sido elaborados já os programas das recepções nas velhas cidades das províncias portuguesas do Oriente, que aquela imagem visitará em peregrinação, e dos quais fazem parte «Te-Deum», pontifical, bênção dos doentes, etc..

Na sua peregrinação por terras indianas, a imagem da Virgem de Fátima, visitará todos os concelhos dos distritos de Goa, Damão e Diu e as quarenta dioceses da União Indiana e do Paquistão, a pedido dos respectivos Prelados.

O entusiasmo com que a imagem peregrina é aguardada na Índia, revela-se em alguns pormenores dos preparativos da sua recepção, em Goa, entre os quais se salienta uma alocução, proferida ao microfone da emissora daquela cidade, com o título sugestivo de «Em demanda do Império das Almas», pelo jornalista e escritor Joaquim da Rosa, que afirmou:

«A Mãe do Céu e da Terra—a Mater Dolorosa—espadas atravessando o peito, volta, num regresso amigo, de piedade, de perdão à casa humilde e querida, à Casa eleita... a Portugal o secular mirante do Atlântico voltado para o Oriente.

Lança um olhar em redor:—o mundo a ferro e fogo. Escuta a prece de Portugal, da antiga Nação Lusitana, da sempre Nação Fidelíssima. E desta feita, a recado de Portugal, vem em demanda de Império Maior, de Império de Almas.

E a Rainha e a Senhora de Portugal—Nossa Senhora de Fátima—duas vezes se coroa Rainha.

Foi, ontem, de Portugal.

Hoje, é do universo. Ao mesmo tempo, a Imprensa Nacional do Estádio da Índia trabalha na organização de um «Livro de Ouro», tendo a Acção Católica do mesmo estado, editado um «Manual da Virgem Peregrina», com variados cânticos em latim, português e concaním, para uso dos fiéis nas cerimónias em honra de Nossa Senhora de Fátima.

Deste modo o nome de Portugal continua a ter a altíssima ressonância apostólica que sempre possuía, levando a Sua mensagem cristianíssima a todo o Mundo, agora na Imagem da Virgem Maria aparecida aos pastorinhos em Fátima.

o rei D. João III por felicíssima inspiração, encontrou, a seu lado, os mais brilhantes, os mais devotados espíritos e vontades—as forças morais e intelectuais que bastaram para immortalizar, para todo o sempre, o nome e o peito lusitano.

## Bilhete postal

Motivos que não são aqui chamados, traziam agitado algum meio vimezanense, trabalhando-se em surdina...

No dia designado, efectuou-se a eleição numa colectividade cidadina.

Momentaneamente, venceu uma lista apresentada pela opposição, porque aqueles que deviam comparecer, muito comodamente, tinham ficado em casa.

Alguém, que muito queria à casa em questão, indignado, vociferava:—Por ond' andam os bons Vimezanenses?

«Onde param aqueles que ergueram alto o nome de Guimarães, escrevendo a letras de ouro verdadeiros actos de bairrismo e de amor à Grei?...»

Passaram-se anos. Se naquela época o comodismo ia prejudicando uma Entidade que é formada pelo escól intelectual vimezanense, com verdade se pode dizer que ele continua a contaminar todas as camadas sociais.

Se é certo que estar à frente de qualquer colectividade, organização cultural, artística ou desportiva, é um acto de renúncia de nós mesmos, com a agravante de ser-se um *bonbo de festa* na boca dos que nada fazem mas tudo criticam, por acinte ou maldade, também é certo que temos o dever de ocupar lugares para os quais tenhamos competência, não só para prestígio da nossa Terra, mas ainda, para defesa de nós próprios. E porque não?...

Somos muitos, ainda, felizmente, para nos opormos a essa onda dissolvente que se agita na sombra.

Somos muitos, e somos melhores, sem nos faltarem qualidades de trabalho, de inteligência e de amor à Terra.

Unamo-nos todos! Escolhamos para companheiros quem queira trabalhar e se ajeite ao calor da bandeira velhinha, mas sempre querida, que foi a flâmula chamejante do maior, mais forte, mais viril e mais entusiástico movimento bairrista, que estreitou num grande abraço, todos os vimezanenses de aquém e além barreiras!

Agradeço a S. M. distinto colaborador do «Notícias de Guimarães» a transcrição que fez a alguns períodos de um dos meus últimos *Postais*, e a concordância com a matéria nele exposta.

Tem razão o articulista. Sou insuspeita na matéria e não aspiro ocupar lugares de comando.

Sou Vimezanense, e como tal, magoa-me que, por futeis e hipotéticas rivalidades, desconfiemos da nossa própria sombra! Se ponham à margem pessoas que sabem o que querem e para onde vão, alargando a clareira onde se vão sepultando ilusões, e assistindo ao apressado caminhar dos que se não perdem pelas encruzilhadas...

Maria Eduarda



Obra das Mães pela  
Educação Nacional

O Dia da Mãe

Ao aproximar-se a data de 8 de Dezembro, — o dia da Imaculada Conceição, — é a hora de vir lembrar que também naquele mesmo dia deve ser solemneza em todos os lares da nossa terra a Festa da Mãe.

E a quantos alimentem bem alto no sentimento a chama da anor filial, uma vez mais dirigimos o apelo para que ao espírito das crianças de quem sejam educadores ou amigos transmitam — como só poderá transmiti-la quem a sente — a veneração pela Mãe e o desejo de que este amor, embora palpante em todos os instantes da vida, tenha uma irradiação de enternecedora exuberância no dia anualmente consagrado às Mães para que lhes seja prestado esse preito.

Um telegrama ás que estão longe, uma visita ás que estão perto, um presentinho que só valha pela significação, tudo isto, meras banalidades aos olhos dos indiferentes, será bastante para levantar uma centelha de consoladora comoção na alma d'Aquelas para quem a ternura dos filhos será sempre o maior prémio de quanto os filhos deram em amor e sacrificios.

Que mais uma vez o Dia da Mãe seja, sob as bênçãos da Imaculada Conceição, um dia luminoso para todas as Mães!

DA NOSSA CARTEIRA

De 4 a 8 de Dezembro, fazem anos as Ex.<sup>mas</sup> Snr.<sup>as</sup>:

Dia 4 — a menina Maria Augusta Simões de Menezes.

" 6 — D. Grácia Correia Leite de Almada Azenha.

" 8 — D. Maria da Conceição Flores.

De 5 a 8 os Snrs.:

Dia 5 — Alberto Costa.

" 6 — Dr. Leopoldo Martins de Freitas.

" — P.<sup>o</sup> António Teixeira de Carvalho.

" 8 — Dr. Fernando Lopes de Matos Chaves.

" — Manuel de Freitas.

" — Eduardo Torcato Ribeiro.

A todos, os nossos cumprimentos de parabéns.

— E' esperado nesta cidade, nos primeiros meses do próximo ano, o nosso presado amigo, o Capitão sr. Manuel de Jesus Rebelo da Cruz, que actualmente se encontra em Africa Oriental Portuguesa.

Nossa Senhora da Conceição

A Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, erecta na Igreja de S. Francisco, festeja no próximo dia 8 de Dezembro a sua Padroeira, com Missa solene ás 10,5 horas e sermão ás 17 horas, com a bênção do S. S.to.

UM AUTOMOVEL HUDSON

Constitue o 1.<sup>o</sup> prémio do sorteio que a Casa do Alentejo Rua Eugénio dos Santos, 58, em Lisboa, efectuará no dia 31 de Dezembro próximo, havendo mais nove valiosos prémios.

É uma ocasião única para, por 10 escudos, apenas, custo de cada bilhete, nos encontrarmos habilitados a receber um automovel Hudson, completamente novo, último modelo, de 6 lugares, equipado com aparelho T. S. F.

Basta enviar a importância acompanhada de mais 1 escudo ou de Esc. 2\$50 se fôr para registo, ou pedir o envio à cobrança para a morada que acima se menciona.

ASSOCIAÇÃO ARTÍSTICA VIMARANENSE

Pelo escolhido numero de pessoas que assistiram, na 2.<sup>a</sup> feira, na séde da Associação Artística Vimaranesa, ao encerramento da magnifica Exposição de Pintura que durante algumas semanas atraiu a atenção dos estudiosos e pessoas cultas, e que tiveram o prazer de ouvir o notável discurso do distinto médico vimaranense e nosso ilustre colaborador o sr. Dr. Carlos Saraiva, pode dizer-se que as comemorações da A. A., encerraram com chave de ouro.

A Sessão solene foi presidida pelo Vice-Presidente do Municipio, o sr. Dr. Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha, que se fez rodear por pessoas que representavam os nossos Organismos federativos, Corporações Culturais e de Assistencia.

O Presidente da Direcção da agremiação em festa, disse os fins daquela cerimonia, e com brilho, fez a apresentação do conferente, que o publico recebeu com uma calorosa salva de palmas.

Pela documentação que o magnifico trabalho do nosso amigo encerra, e que revela aturado e meticoloso estudo para exaltar alguns valores culturais da nossa Terra, e para que este fique arquivado nas colunas do nosso jornal, principiamos hoje a publicação do mesmo, que faremos em numeros sucessivos, dada a sua extensão.

Segue o discurso do nosso amigo.

Ex.<sup>as</sup> Autoridades  
Minhas Senhoras e  
Meus Senhores

As minhas primeiras palavras são de cumprimentos respeitosos para as ilustres pessoas que constituem a mesa da presidencia desta sessão, e de agradecimento sincero para todos os que aqui vieram num acto de requintada gentileza, que profundamente me sensibilisa, por imerecida. Quizera ha muito Luis Filipe Coelho, iustre Presidente desta Instituição Mutualista, que eu aqui pronunciasse algumas palavras, enquadras no âmbito da finalidade cultural que se propoz levar a efeito para os seus associados.

Sem talento e com a debilidade propria de quem necessitando de elementos de consulta, o não pôde fazer por escassez de tempo, as palavras que V.s Ex.<sup>as</sup> vão ter a paciencia de escutar, foram inspiradas no exercicio da profissão que exerço e, debruçado sobre ela, num momento de vagar, as pensei e urdi. Elas representam para além do seu significado, o desempenho de um compromisso assumido, e a satisfação agradável de, publicamente corresponder a um acto de cortezia.

Esta Instituição é daquelas que enobrecem a nossa terra. Por aqui têm passado valores de projecção marcada e, nos ultimos tempos, sente-se irradiar daqui uma ansia de elevação mental, a contrastar com a indiferença que por toda a parte campeia, pelos problemas do Espirito. No descampado materialista que dolorosamente se alarga diante de nossos olhos, ainda é aqui, dentro destas paredes, que se observa e se admira a continuidade de um esforço de renovação espiritual que deve ser acarinhado por todos.

Luis Filipe Coelho tem dado a esta Casa toda a sua intelligencia e toda a sua boa vontade. Já vai distante o tempo, apesar dos anos terem rolado vertiginosamente, que da sua boca recebi lições sobre matéria liceal, no Colégio de Luis Gonzaga Pereira, instalado então na solarenga Casa dos Coutos, ali na Misericórdia.

Conhecendo-o desde essa hora, estimo-o pelas lições que dele re-

cebi e admiro-o pelo exemplo que nos tem dado de amor ao trabalho e ao estudo, revelado ainda aqui no carinho com que se consagrou a esta Instituição.

Agradeço-lhe as palavras com que me apresentou, filhas apenas da estima e compreensão mútua com que se devem olhar os homens que sabem erguer os proprios sentimentos acima de paixões, de questiunculas e de vaidades, tantas vezes patológicas.

Certamente, por assim pensar, sinto que tenho vivido nesta terra de cabeça erguida com satisfação e com orgulho.

Ela só me não viu nascer, mas nasceram e morreram aqui todas as minhas ilusões e todos os meus sonhos; aqui pisei o solo das primeiras dificuldades ao enfrentar a vida pratica; aqui tenho vivido as horas de alegria e de tristeza que a profissão acarreta; aqui se operou toda a minha formação moral e espiritual; aqui senti os primeiros desgostos e as primeiras inquietações, a estratificarem-se solidamente na minha alma, mas, sem qualquer esboço de angustioso ou mera contratura, que no fundo seria a materialização do meu ser. Pelo contrario, animava-me cada vez mais o conceito superior da vida, se o coração e a intelligencia a perfumam de espiritualidade. Afasta-se assim de nós o cansaço da sua repetição e o seu monótono automatismo diário.

Esses sentimentos traduzem as razões que me trouxeram aqui e não occultam uma adoração, quase mística, que sinto por Guimarães. Adoração pelo seu magnifico presente, cheio de imensas realizações creadoras nos domínios da Cultura e do trabalho. Adoração e saudade pelo seu grandioso passado, em cujo seio mergulham profundamente as raizes da própria existencia nacional. Raizes profundas na verdade, eloquentemente traduzidas na austera grandeza dos seus monumentos, sentinelas de um passado longinquo, perdido na noite infindavel dos séculos. Ai se ouvir os ecos das horas altas da vitória; ai se abafaram as angustias e o desespero das horas de colapso e de derrota; ai chegou o fragor das próprias batalhas; ai se desenrolaram todos os dramas da existencia humana com identica expressão e sentido dos nossos dias; ai nasceram outras ambições, outros sonhos, e delinearam-se novas batalhas que haviam de estruturar a nossa independencia.

Imperativo de saudade pela vida que eles nos recordam, que eles saudosamente testemunham e que não mais volta a repetir-se, nem a inquietar o silencio intimo em que hoje se concentram, — silencio profundo de catedral deserta, despertado apenas por sombras vagas indefinidas e quase errantes, que ora se perfilam deante da nossa imaginação em atitudes de lealdade e de heroismo reflectido, ora se apagam e fogem em votos de sacrificio humilde e de renuncia!

Depois, os seus valores eternos: Sarmento, Alberto Sampaio, Abade de Tagilde. Em Sarmento — o maior de todos — retrata-se o exemplo do Homem Universal pelo grau da sua Cultura; pelo valor e extensão dos seus trabalhos, que transformaram o misterioso silencio das ruínas da Cidadania de Briteiros, em lugar de observação e estudo para nacionais e estrangeiros.

Razão de saudade ao invocar a propria figura de João Franco por ter sentido, interpretado e realizado, como ninguém, as aspirações de Guimarães. Ele, que aqui não nascera, mas que de a esta terra o intenso impulso da sua vontade de ferro.

O Natal dos nossos pobrezinhos

Leitores: Estamos chegados ao Natal. Em nossa volta, ouvimos o soluço da viuva que vive só e abandonada; daquela que foi a companheira de nossos brinquedos, e hoje, mercê de um cruel Destino, esconde, envergonhada, a fome que lhe dilacera as faces; do doente que chora e geme o pezado fardo que o açoita; da creança que não consegue esconder os buracos dos trapos que mal lhe aquecem o corpo...

Veem até nós, que nada lhes podemos dar, pedindo-nos não esmoreçamos na campanha

que iniciamos há mais de meio século, mercê da qual despertam corações adormecidos e lhes levamos um pouco do muito de que necessitam.

Está á porta o Natal. E' para o solenizar que abrimos a nossa subscrição, que é vossa presados amigos e dedicados Vimaraneses!

Por alma de vossos entes queridos, Para o Natal dos Vimaraneses pobres! Para os doentes e necessitados!

Está aberta a nossa subscrição.

Transporte . . . . .	850\$00	Gonçalves . . . . .	20\$00
Saparia Luso . . . . .	20\$00	Anónimo . . . . .	100\$00
Anónimo . . . . .	50\$00	Francisco Martins	
Anibal Dias . . . . .	20\$00	Fernandes Junior . . . . .	40\$00
Domingos Cosme . . . . .	20\$00	F. F. . . . .	20\$00
Dr. João de Freitas . . . . .	20\$00	Dr. Alfredo Peixoto,	
João Mendes Fernandes . . . . .	20\$00	por alma de seus	
A. R. M., por alma		pais . . . . .	20\$00
de seus pais . . . . .	20\$00	Jacinto Teixeira . . . . .	20\$00
Visconde de Viamonte	10\$00	Joaquim da Silva . . . . .	10\$00
D. Nidia Pereira Gui-		Padre José Carlos Si-	
marães . . . . .	10\$00	mões Veloso de Al-	
José Gilberto Pereira	20\$00	meida . . . . .	20\$00
Artur Fernandes de		Dezembargador An-	
Freitas . . . . .	100\$00	tónio Augusto da	
Alberto Campos . . . . .	20\$00	Silva Carneiro, Lis-	
Confeitaria Benamor	20\$00	boa . . . . .	30\$00
Manuel Lopes, por al-		D. Helena Felgueiras	
ma de seu pai . . . . .	7\$50	Martins de Menezes	20\$00
Francisco Ribeiro de		Dr. Alvaro de Carva-	
Castro . . . . .	10\$00	lho, em sufrágio da	
José Maria Félix Pe-		alma de seus pais . . . . .	50\$00
reira . . . . .	10\$00	Condessa de Marga-	
Dr. António de Jesus		ride . . . . .	20\$00
		D. Margarida Felguei-	
		ras Coelho . . . . .	15\$00

Continua

Por direito de conquista aí o vemos cada vez mais vivo e mais actual na galeria dos nossos grandes valores espirituais.

(Continua no próximo número)

O NOSSO CORPORATIVISMO

(Conclusão da pagina anterior)

*Nismos públicos na vida económica — intervenção que o geral dos portugueses dificilmente tolera — foi ainda vir a pensar-se que era aquilo o corporativismo e essas intervenções a essência e fins da organização corporativa. E veio daí a má vontade ao sistema, por ignorância da sua verdadeira doutrina e das circunstâncias — e das realidades sociais, que em nossos tempos são outras. Diz a este respeito Salazar e tome-se nota: — O português é evadido de individualismo e toda a regulamentação da sua vida privada lhe é molesta. Penso que quem tem de refazer neste ponto a sua educação e que o seu modo de ser não se ajusta ás necessidades dos tempos. Estes já não podem dispensar orientação superior e disciplina económica, seja qual fôr a doutrina oficial do Estado. Estas palavras, citamo-las a fim de que vejamos uma verdade: — hoje em dia não pode nem deve o Estado alhear-se da sua função de orientação e coordenação da actividade nacional — função sua e de mais ninguém — e o corporativismo, ainda que de associação, não deixa de ser disciplina, sem dúvida que norteada pelo interesse geral, que a tudo e a todos supera.*

Temos, pois, de retomar a marcha, como diz Salazar, no ponto em que a organização corporativa parou, devido ás circunstâncias referidas, cu seja, pelas palavras de Salazar: — Assim, para que constitucionalmente se avance na orientação prevista, é necessário retomar a marcha, estendendo a organização, completando-a, coordenando-a, e corrigindo-a no que se faça

mister. Convençamo-nos todos: — pelos benefícios sociais e económicos, devidos sem dúvida alguma á organização corporativa, já não regressamos; — a organização corporativa continua, e vai progredir, em seus efeitos, em sua acção, como base do Estado. E tornamos a ela, a quem Salazar um dia chamou a grande batalha do futuro. E diz também o nosso Restaurador: — É preciso ainda que a doutrinação exigida pela revolução corporativa se faça intensamente, largamente, levando-a ao comum dos portugueses, algum dos quais ainda hoje lhe não vê, por desfiguração das coisas, benefícios alguns, e outros não sabem filiar as regalias materiais obtidas no espirito que as gerou e as tornou possíveis.

A. da F.

Irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Penha  
Assembleia Geral

São convidados os Irmãos eleitores a reunir na Casa do Despacho desta Irmandade, no segundo Domingo do proximo mês de Dezembro, (dia 11), pelas 10 horas, para a eleição da Mesa Administrativa para o ano de 1950.

Se não comparecer o numero legal de Irmãos ficará a eleição adiada para o Domingo imediato (Dia 18), no mesmo lugar e hora, nos termos do art.º 2.º dos Estatutos.

Guimarães e Secretaria da Irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Penha, 25 de Novembro de 1949

O Juiz da Irmandade,  
João Rocha dos Santos

Agenda do Anuário Comercial,  
Agendas de Gabinete e bolso.  
Blocos Memoranduns, Almanaques, etc., para 1950.

Vende aos melhores preços a  
« Casa das Novidades »



## Misericórdia de Guimarães

= RADIOGRAFIA, RADIOS-COPIA e TOMOGRAFIA =

Dr. Francisco Batoréu, antigo radiologista e Chefe dos Serviços Radiológicos da Faculdade de Medicina, do Porto, e Dr. António José de Sousa Barros, com a especialidade de doenças pulmonares e a prática dos Serviços de Raios X.

Estes serviços funcionam todos os dias, a partir das 10 1/2 horas.

Brevemente, principia a funcionar a RADIOTERAPIA.

## Do Avôzinho

Aos amigos infieis  
Que julgam tonto o Reis  
Pela sua muita idade,  
Afirmando neste improviso  
Conservar são o juízo,  
Ser fiel minh'âmizade.

E. A. R. G.

## DESASTRE DE AUTOMÓVEL

que custou a vida a um operário, e a um seu filho, e pôz em perigo a vida de outro

Na noite do passado sábado, no lugar do Miradouro, freguesia de S. Miguel de Creixomil, António Augusto Marques, casado, cutileiro, sua mulher Catarina Rosa de Oliveira, operária fabril, conduzindo, o primeiro, ao colo, dois filhinhos, um, de mezes, e outro com 3 anos, vindo de fazer uma visita a sua Mãe, foi colhido por um automóvel guiado por Carlos da Silva Machado, fiandeiro no Pevidem.

O infeliz operário foi mortalmente colhido e arrastado durante alguns metros, bem como seus inocentes filhinhos.

Imediatamente conduzido ao hospital da Misericórdia, o infeliz chefe de família chegou ali cadáver, e as creancinhas em estado grave, tendo uma, falecido pouco depois.

A mulher apenas sofreu ligeiras escoriações.

A Polícia de Viação e Trânsito tomou conta da ocorrência, e o causador do desastre, já foi entregue à Justiça.

Este caso causou profunda consternação, não só porque o morto era muito estimado, mas ainda, pelo desamparo em que fica sua família.

## NASCIMENTO

A dedicada Esposa do nosso amigo e estimado proprietário vimaranense o sr. Abilio Mendes, presenteou-o com uma robusta creança do sexo masculino.

Os nossos cumprimentos de parabéns.

## LEGIÃO PORTUGUESA

Comando Distrital de Braga  
BATALHÃO 13

## CONVOCAÇÃO

São por este meio convocados todos os oficiais e graduados do 1.º Batalhão, a comparecer no Quartel desta Unidade, no próximo dia 18 do corrente, às 9 horas, para instrução geral, devendo apresentar-se devidamente uniformizados.

Secretaria e Quartel do Batalhão 13, Guimarães, 1 de Dezembro de 1949.

O Comandante,  
José Mendes Ribeiro Junior  
Com.º de Bat.

## "OS LUSIADAS", OS DESCOBRIMENTOS E O SENTIDO IMPERIAL DA NOSSA HISTÓRIA

pelo Dr. José de Figueiredo Vasconcelos

### IV

A acção principal do poema é a viagem marítima de Vasco da Gama à Índia. Constitui o núcleo, a trave-mestra—não só para dar uma certa directiva ao poema como também para pô-lo em harmonia com a unidade de acção das regras aristotélicas. E para prova Camões não se entusiasma pelo Gama; censura mesmo a sua descendência. Mesmo a sua figura não é bem esboçada como a querer indicar que êle ou outro qualquer seria capaz de levar a cabo a empresa de há muito preparada de conduzir os portugueses à Índia.

### Que êle não era mais que um diligente Descobridor das terras do Oriente.

Mas, como consegue através da unidade de acção—o descobrimento do caminho marítimo para a Índia—celebrar todos os portugueses?

No canto III começa Vasco da Gama a contar ao rei de Melinde a história portuguesa.

Já antes no canto II Júpiter profetiza a nossa grandeza nos Mares do Oriente. Nos cantos VII e VIII, Paulo da Gama descreve ao Catual as figuras das bandeiras—que representavam os homens mais ilustres da Nação.

No canto X uma ninfa, «uma angélica Sirena» anuncia os feitos praticados pelos portugueses no Oriente e no resto do Mundo, até à morte de D. João de Castro—1548.

Mas, sempre que se lhe oferece ocasião no decurso do poema, glorifica Portugal e os portugueses. No canto VI Camões põe na boca de um dos marinheiros o episódio romântico dos Doze de Inglaterra; no canto VII começa por apresentar os portugueses como defensores da civilização cristã ameaçada pelos turcos, em perfeito contraste com os outros povos da Europa em guerras e corrompidos pelos vícios. Quando no canto X, Tethys mostra a Vasco da Gama o orbe terráqueo, há logo ensejo para mencionar os lugares assinalados pela passagem dos portugueses: Abissínia, Ormuz, Malaca, Banda, Bornéu, Molucas, Java, Ceilão, Timor, Socotorá, etc. Ajude também a

### Outras ilhas, no mar também sujeito A vós, na costa de Africa arenosa

Mas não esquece o Ocidente—o Novo Mundo:

Mas cá onde mais se alarga, all tercel  
Parte também, co' o pau vermelho nota;  
De Santa Cruz o nome lhe poreis;  
Descobri-la-á a primeira vossa frota.  
Ao longo desta costa, que tercel,  
Irá buscando a parte mais remota  
O Magalhães, no felto, com verdade,  
Português, porém não na lealdade.

Todo o esforço dos portugueses no descobrimento de novas terras já tinha sido resumido nestes versos do canto VII:

Não faltarão Cristãos atrevimentos  
Nesta pequena casa Lusitana.  
De Africa tem marítimos assentos;  
E' na Asia mais que todas soberana;  
Na quarta parte nova os campos ara;  
E, se mais muado houvera, lá chegara.

Como digno remate dos Lusíadas, da epopeia das navegações pelo mar desconhecido há a descrição da Esfera. E' que a obra dos descobrimentos não foi um produto da aventura, mas sim um produto de investigações matemáticas e astronómicas, segundo um plano estabelecido. O cosmógrafo Pedro Nunes assim o declara: «não se fizeram indo a acertar, mas partiam os nossos mareantes mui ensinados e providos de instrumentos e regras de astronomia e geometria».

O saber dos antigos, dos clássicos ia perdendo autoridade perante a evidência dos factos, do «vi claramente visto de Camões»; os mestres reputados infalíveis, passavam, perdiam o valor. As cartas de Ptolomeu, velhos tratados de cosmografia, de astronomia, de geometria, de medicina, tudo isso era tido como um montão de folhas secas, sem valor, varridas pelo «sopro ardente dos tempos novos».

No trabalho que fiz sob o tema «A Ciência e a Autoridade» publicado neste semanário fiz longa referência à contribuição dos portugueses dos descobrimentos para a criação desse novo ambiente, desse novo espírito da ciência moderna.

Continua

### Dr.ª Maria Amélia Queiroz de Castro

Com boa classificação, concluiu há dias a sua formatura em Ciências Matemáticas, a sr.ª Dr.ª Maria Amélia de Queiroz Castro, filha do nosso bom amigo e estimado negociante vimaranense o sr. Francisco Ribeiro de Castro.

A nova doutora, que nos seus estudos sempre revelou inteligência e aplicação, bem como a seus pais, os nossos cumprimentos de parabéns.

### OBRAS EM CURSO

Pelo ilustre Director do Museu de Alberto Sampaio, foi chamada a atenção do Estado, pelo Ministério das Obras Públicas, para a necessidade urgente da continuação das obras do edificio dos Paços dos Duques de Bragança, das Igrejas de S. Domingos, de Santa Marinha da Costa, de Serzedelo e de S. Martinho de Candoso.

Atenção á nossa 1.ª pagina

## Desporto - Futebol

### Vitória 3 Académica 0

A Académica de Coimbra, que no domingo veio a Guimarães jogar em disputa do Campeonato Nacional, trouxe à nossa terra animação, movimento e mocidade.

Este encontro suscitou interesse em todo o Norte, e chamou a Guimarães muitos milhares de desportistas.

Principalmente de tarde, o movimento foi considerável, estendendo-se os automóveis em filas cerradas nas imediações do campo.

A' hora marcada, o rectângulo apresentava uma compacta e animada cercadura, vendo-se esvoaçar muitas desenas de capas pretas.

A Académica pode gabar-se de ter trazido a Guimarães uma das falanges mais numerosas, mais entusiásticas e... mais confiantes.

Estamos certos que nem um só dos adeptos do Club visitante, antes do encontro, acreditaria num simples empate...

Faziam-se apostas, trocavam-se impressões, e a ansiedade assenhoreou-se de todos os assistentes.

Mercê do lesionamento de alguns elementos do Vitória, este teve de apresentar uma formação de emergência, e que conseguiu, não só arrancar uma preciosa vitória, mas realizar o melhor jogo da época.

A principio, surpreendidos pela rapidez do jogo dos Académicos, aguentaram o embate, consentindo-lhes um ligeiro dominio.

Mas, passados uns vinte minutos, o grupo recompoz-se e estabeleceu-se o equilibrio, com jogadas rápidas e fulgurantes, mais perigosas e melhor urdidas pelo grupo da casa.

O público, entusiasmado, incitava os seus favoritos.

Quasi ao terminar o 1.º tempo, Teixeira da Silva, numa profiada luta, venceu Curado, que ainda tentou uma carícia, e rematou a contar, assim terminando a 1.ª parte.

No recomeço da luta, havia quem supozesse que os locais não seriam capazes de continuar no ardor do combate, com a perfeição e entusiasmo do 1.º tempo, mas eles, a breve trecho, estabeleceram a confiança dos seus adeptos e ditaram o vencedor.

Mercê do seu aturado esforço e bom entendimento, marcaram mais dois golos, por intermédio de Custódio e Franklim.

Não há que destacar entre os vencedores. Bom resultado, bom jogo, perfeito entendimento, oportunas desmarcações e sentido certo no andamento da luta.

Guarda-redes, seguro e atento; defesas, certas e a bater bem a bola; Costa foi um valoroso batalhador, aparecendo sempre e onde era preciso.

A linha média, combativa e produtiva, na defesa e ataque, e a linha do ataque, impulsionada e animada por Briosso e Franklim, fez

um bom jogo.

Teixeira da Silva pode orgulhar-se porque, desde que está no Vitória, fez o seu melhor jogo.

Que continue, e não lhe serão regateados louvores.

O reservista Matias, que alinhou num lugar de responsabilidade, agradou e satisfz.

Bate bem a bola, tem o sentido da colocação, e passa admiravelmente.

A Académica joga à base da velocidade, mas não nos mostrou ser o conjunto tão apreciado.

Na 1.ª parte, pertenceram-lhe os primeiros minutos de jogo.

Depois, jogou de igual para igual, e na 2.ª parte, se nunca se entregou, jogou desarticulada, dividida em dois blocos. Se não tivesse um excelente guardião, a punição seria mais dura.

Sob a arbitragem do sr. Paulo de Oliveira, de Santarem, os grupos alinharam:

**Vitória:** Silva, Matias e Ferreira; Magalhães, Costa e Miguel; Franklim, Rebelo, Teixeira da Silva, Briosso e Custódio.

**Académica:** Capela, Branco e Braz; Castela, Curado e Azeredo; Pacheco Nobre, Serra Coelho, Macedo, Leite e Bentes.

Na 1.ª parte registaram-se cinco cantos contra a Académica e 1 contra o Vitória.

Na 2.ª, houve 3 cantos contra a Académica e 2 contra o Vitória.

## Teatro Jordão

Sábado, 3, às 21 h.

EM SESSÃO POPULAR

Pândega no Rancho

E

A Máscara do Diabo

Domingo, 4, às 15 e 21 h.

Tyrone Power, Joan Blondell,  
Colcan Gray EM

O Bêco das Almas Perdidas

Elas amavam-no apesar do seu  
cinismo e da sua crueldade

Terça-feira, 6, às 21 h.

Um drama  
intenso **TU E SÓ TU**

COM Dane Clark, Geraldine  
Brooks, S. Z. Sakall

Dois seres humanos que o destino reuntiu  
numa hora fatal... Ele era criminoso...

Quinta-feira, 8, às 21 h.

Robert Ryan, Merle Oberon, Paul Lukas

EM **O Expresso de Berlim**

Um espectáculo de empolgante interesse

Neste programa: JORNAL FOX

BREVEMENTE:

**O MILAGRE DOS SINOS**

Já experimentou o novo fabrico de fósforos de carteira (capa verde, haste encarnada; marca Monograma)?



Os nossos mercados  
de sábado

A pesar do sábado, dia de mercado semanal, se apresentar frio e pardacento, isso não influíu nas pessoas que habitualmente ali vão vender ou comprar, pois o mercado esteve muito abastecido, e não faltou freguesia.

Em alguns quarteirões, havia, mesmo, dificuldade no trânsito.

E foi assim, confundidos com os que compram, que conseguimos tomar as nossas notas.

O preço dos ovos está na ordem do dia.

A pesar das contratadeiras só terem ordem de os pagar a 14\$50, quem os quiz para seu gasto particular, teve de os pagar a 16\$00 escudos.

Não houve feijão, sabe-se, mas na feira vê-se bastante.

Vendeu-se o feijão moleiro, a 14\$00 cada meio quarto, o miúdo, a 9\$00 e o branco a 16\$00.

Vendia-se cada quarto de centeio a 12\$00.

Havia muita e muito boa azeitona.

A miúda, vendeu-se, cada m. q., a 5\$00; a grande, e muito boa, cada q., a 15\$50.

Batata, cada quilo, 1\$90; cada quarto, de 7\$50 a 10\$00.

Por um par de frangos, bons, pediram-nos 80\$00.

Vão rareando as castanhas; as que apareceram, venderam-se cada quarto a 9\$00 e 10\$00.

Horário das Farmácias

No próximo domingo está de serviço permanente a farmácia **Barbosa**.

Minas de carvão fazem  
desaparecer aldeias

Minas de carvão trazem, às vezes, prosperidade a regiões, antigamente insignificantes, mas causam também calamidades. Pensamos na atmosfera que se torna impura pelos bilhões de partículas de carvão de pedra. Pensamos no pó preto que se introduz em toda a parte, que torna as casas pardas, as habitações sombrias, os jardins secos. São, porém, inconvenientes relativamente pequenos! Em certas regiões as minas causam sinistros maiores. O constante furar e martelar no solo faz com que este comece a mover-se, o que causa vários desgostos na superfície. A água subterrânea começa a subir e torna as casas e currais inhabitáveis e aldeias inteiras correm o risco de afundar-se no terreno alagadiço.

O solo, naquele estado, é um lugar onde numerosos mosquitos e gafanhotos têm os seus lugares de incubação.

Nas regiões setentrionais o perigo de mosquitos não é tão grande como em territórios tropicais, pois ali o mosquito é o transmissor das febres paludosas, a doença que faz sofrer a população de uma maneira terrível.

Antes da segunda guerra mundial a comissão encarregada de combater a malária fez uma investigação desenvolvida neste domínio.

A dita comissão, secção da antiga Sociedade das Nações, aconselha, a título de profilaxia durante toda a estação de malária, uma dose diária de 400 mg de quinina e como remédio inofensivo e eficaz em caso de um ataque de malária uma dose de 1-1-3 gramas de quinina durante um período de 5-7 dias.

GARRAFAS USADAS

Um lote de 5 mil e em pequenas quantidades de diversos tipos, vende

Mário Nampalo—R. da Madre, 29—GUIMARÃES—

UMA REVISTA INVULGAR

Cada realidade tem o seu significado imediato e cada ambiente a sua actualidade própria. Não se estranhará, por isso, que se fale da recente publicação de mais um número do excelente «Mensário das Casas do Povo». É que não se trata de uma revista vulgar, ou de um simples boletim de inspiração oficial. Além de ser o autêntico porta-voz das melhores aspirações camponesas agrupadas à volta das Casas do Povo, o «Mensário» é já hoje considerado um dos mais valiosos repositórios de documentos culturais para uso dos estudiosos, especialmente dos filólogos e dos etnógrafos. Várias são as colectividades científicas estrangeiras que solicitam a recepção regular desta publicação, e entre os seus assinantes encontram-se os nomes de afamados cientistas de além fronteiras. Deve-se, justo é dizê-lo, à amabilidade do catedrático Dr. Manuel de Paiva Boléo, grande parte deste intercâmbio científico.

Também dentro do nosso país já se reconhece a influência da propaganda nacionalista efectuada nas colunas do «Mensário das Casas do Povo», não só entre os dirigentes do corporativismo e das suas instituições, como em outros meios cultos. Efectivamente, sem etnografia e sem filologia, não pode haver cultura popular,—não pode existir verdadeira cultura portuguesa.

O número 41 do «Mensário das Casas do Povo», que temos presente contém o sumário que passamos a descrever nos seus elementos fundamentais: «Cortezia e falar hem, custa pouco e vale muito», pelo distinto historiador António G. Mattoso; «A criada Brígida, crónica de aldeia do conhecido etnógrafo e escritor Fernando Castro Pires de Lima; «Agricultura e o artesanato rural», importante ensaio do Dr. José Francisco Rodrigues; «Os casamentos em terras da Estremadura», por António Leal; «Trajes e adornos no Concurso Internacional de Canções e Danças Populares de Madrid», grande reportagem de sentido etnográfico, pelo Padre António Mourinho; «A horta do Povo», pelo engenheiro agrónomo Miguel Eugénio Galvão de Melo e Mota; além das secções habituais: «Cultura e Recreio», «Correio para a aldeia», «Natividade e Infância», «Salubridade rural» e «Povo e a Língua».

Uma revista, enfim, que constitui um precioso repositório de trabalhos e interpretação e análise da alma popular nas suas diversas exteriorizações, tais como a arte, a música, a literatura, os costumes, as tradições e a religião.

POSTAIS ILUSTRADOS e brinquedos próprios para NATAL e ANO NOVO «CASA das NOVIDADES»

VENDEM-SE

Um conjunto de quintas, neste concelho, com água e brávia, a pagarem de renda 17 carros.

—e uma, próximo de Vizela, com a renda de 6 carros de medidas, muito azeite e vinho.

—Trespasa-se uma mercearia, casa de pasto e fazendas, na Vila de Fafe.

Tratar com Florêncio de Matos—Rua das Trinas, 35—Guimarães—Telefone 4182.

LOTARIA DO NATAL

HABILITE-SE NA «CASA das NOVIDADES»

Irmadade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos

Assembleia Geral

Convidam-se todos os Irmãos a comparecer na Sala das Sessões, anexa à sua Igreja, no Largo da República do Brasil, no dia 4 do próximo mês de Dezembro, pelas 9 horas, para dar cumprimento ao preceituado no art.º 22.º do Compromisso desta Irmadade e da lei vigente.

Não comparecendo numero suficiente de Irmãos, desde já se faz nova convocação para o Domingo, 11, à mesma hora e no mesmo local.

Guimarães e Secretaria da Irmadade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, 25 de Novembro de 1949.

O Provedor,

António José Pereira de Lima

SANTA CASA DA M. DE GUIMARÃES

Sessão de Mesa de 18 de Novembro de 1949

Sob a presidencia do Ex.mo Provedor, Senhor Mário de Sousa Menezes, reuniu a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia.

—Aberta a sessão, a Mesa deliberou exarar na acta um voto de reconhecimento aos Ex.ªs Snrs. Drs. Francisco Batoreu e Sousa Barros pela forma como se prontificaram a garantir a continuidade dos Serviços Radiológicos desta Misericórdia.

—Mais deliberou que, enquanto não for reduzido a escrito o respectivo contrato, os mesmos recebam, como remuneração dos seus serviços, uma percentagem da receita líquida, a fixar oportunamente.

—Conforme a deliberação tomada na sessão anterior, será montado no Gabinete de Radiologia, na próxima semana, o aparelho de TOMOGRAFIA.

—Pelo Senhor Provedor foi apresentado o Acórdão das contas da gerência do ano de 1947, do qual consta a sua aprovação.

—Pelo Mesário, Sr. João A. da Silva Guimarães, foi apresentado o contrato de arrendamento feito ao Grupo Excursionista e Recreativo 1.º de Dezembro, referente a uma loja da casa N.º 1 do Bairro João de Melo.

—Foram apreciados os orçamentos para as reparações a efectuar no prédio onde se encontra instalada a secção feminina do Asilo de S. Paio.

—Foi exarado na acta um voto de pesar pelo falecimento do Irmão Tomaz de Almeida.

—Foi aprovado o Balancete do Cofre, apresentado pelo Sr. Tezoureiro, e verificado o cumprimento de todos os legados.

—Foram registados, com muito reconhecimento, os seguintes donativos:

Do Ex.º Sr. Dr. José Rebelo Barbosa, de Santo Tirso, 2.000\$00; dos Ex.ªs Senhores D. Amélia Figueira de Sousa e José da Costa Santos Vaz Vieira, 20 alqueires de milho; do Ex.º Sr. Dr. Bonfim Martins de Macedo Gomes e Silva, 2 razas de feijão para o Asilo de Donim e 4 colmeiros para o Asilo de S. Paio.

—Finalmente, foram tratados vários assuntos de interesse para esta Santa Casa.

Vende-se

Alvará de Farmácia para o Concelho de Guimarães.

Falar com Florêncio de Matos GUIMARÃES

ATENÇÃO

Para se conduzir automóvel é preciso adquirir a Carta.

Não perca tempo.

Dirija-se ao carro de instrução «Ford». Frequentar esta escola, é ter a certeza de tirar rápido a Carta. Lições à hora e por contrato, com Carta garantida.

Não confunda: Carro de instrução «Ford», do instrutor **Pereira**

Pela Polícia

Nos últimos dias queixaram-se na Esquadra Policial de Guimarães, entre outras, as seguintes pessoas:

—António Pereira, deste concelho, contra Joaquim Fernandes Salazar, por se recusar a pagar uma reserva de vida.

—Joaquim Moreira da Costa, desta cidade, contra Avelino de Oliveira, mestre pedreiro, da freguesia de Atães, por falta de pagamento.

—Joaquim Martins Ribeiro da Silva, desta cidade, contra uma sua servçal de nome Maria da Glória, de Famicão, por furto.

—Luiza Maria, desta cidade, contra Clementino Antunes, da freguesia de Antime, concelho de Fafe, por abuso de confiança.

—António Mendes Pereira, desta cidade, contra Rosa de Magalhães, e sua irmã, desta cidade, por agressão e dano.

—Vital Marques Rodrigues, da freguesia de Mascotelos, contra Antónia Faria, da freguesia de Calvos, por burla.

—Zulmira da Silva, de Urgezes, contra Rosalina Ribeiro, da freguesia de Selho (S. Jorge), por furto.

—O guarda n.º 129, capturou Tereza Emilia de Sousa e outras, sem profissão e residência e Francisco Fernandes Machado, desta cidade, por escândalo público e desobediência ao guarda captor.

—O guarda n.º 165, participa que na rua de Santa Maria, desta cidade, desabou parte do pré-

dio n.º 36, habitado por Aurora Fernandes.

—O guarda n.º 189, participa que a caminheta de carga F O 13-47, pertencente à Auto Recoveira, guiada pelo motorista Adão Otilano, da freguesia de Creixomil, embateu contra um poste da iluminação pública.

—O guarda n.º 30, participa ter acompanhado ao Hospital da Misericórdia, José Rodrigues, desta cidade, por doença subita.

—O guarda n.º 95, capturou Rosalina Ribeiro, mendiga, do Pevidem, para averiguações de furto.

—O Sub-chefe n.º 8, participa que lhe foi entregue sob prisão pelo guarda n.º 250 da Policia de Viação e Tránsito do Posto desta cidade, Carlos da Silva Machado, do Pevidem, por atropelamento.

—O guarda n.º 132, participa que de serviço na rua Francisco Agra, achou uma galocha em borraça, própria para homem, ignorando a quem pertence.

—O 2.º Sub-chefe n.º 17, capturou José dos Santos Paiva, desta cidade, por disturbios e embriaguês.

—O 2.º Sub-chefe n.º 17, participa que acompanhado dos guardas desta policia, passou rusga às tabernas desta cidade e fez apreensão de diversas navalhas.

—O guarda n.º 165, participa que por ordem superior, foi ao Largo do Montinho, acompanhado de José Joaquim de Almeida Junior, a fim de tomar conta da sua filha menor de 17 anos, que havia fugido para casa de Adelaide Ribeiro.

—O guarda n.º 70, participa que foi informado por Emilia Mendes, do Largo da República do Brasil, que seu marido José Ribeiro, se tinha envolvido em desordem com um seu irmão.

—O guarda n.º 170, capturou Jerónimo da Silva, desta cidade, por ter agredido Joaquim Casimiro Mendes Xavier, e outros, do concelho de Lousada.

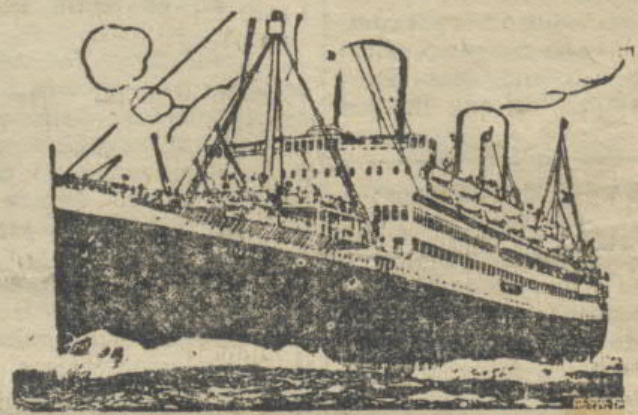
—O guarda n.º 123, capturou Armando de Abreu, da freguesia de Urgezes, por censurar o serviço do captor.

—O guarda n.º 182, autuou Joaquim Pereira, da freguesia de Lordelo, por transgressão.

MALA REAL INGLEZA

(Royal Mail Lines, Limited)

Paquetes Correios a sair de Lisboa



Para os portos do BRASIL e RIO da PRATA

Aceitam-se passageiros de Primeira, Segunda, Intermediária e Terceira classes.

Na Agencia do Porto podem os snrs. passageiros de 1.ª classe escolher os beliches à vista das plantas dos paquetes, **mas para isso recomendamos toda a antecipaçaõ.**

Dirigir aos unicos Agentes no Norte de Portugal:

TAIT & C.º

19, Rua do Infante D. Henrique—PORTO

Tele { gramas: Tait—Porto  
fone n.º 7

ou aos seus correspondentes nas provincias